



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Metodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo 1 - Educação, Diversidade Cultural e Processos de Produção de Desigualdades

A ABORDAGEM QUALITATIVA NA (RE)CONSTRUÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA DA POPULAÇÃO NEGRA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Claudilene Silva – UFPE/FASNE
Eliete Santiago – UFPE/PPGE

Resumo

Os cuidados para garantir a qualidade da produção teórica na educação, incluem aspectos conceituais e metodológicos. O objetivo deste trabalho consiste em mostrar a contribuição da história de vida, como possibilidade metodológica de dar voz a pessoas e grupos sociais invisibilizados, a exemplo da população negra no Brasil. Socializamos rotas, roteiros e percursos trilhados numa pesquisa que buscou analisar o processo de construção da identidade étnico-racial de professoras negras e as implicações desse processo em suas práticas docentes, por meio de suas histórias de vida. O quadro teórico referencia-se em autores que consideram o protagonismo dos sujeitos no contar de suas histórias. O trabalho de campo foi realizado com professoras negras da Rede Municipal de Ensino do Recife. Para o relato das histórias de vida utilizamos a entrevista semiestruturada e para o tratamento dos dados a técnica de análise de conteúdo na perspectiva de Laurence Bardin (1977). A abordagem qualitativa e a história de vida mostraram-se como possibilidades teórico-metodológicas adequadas ao trato do conhecimento sobre os processos de construção da identidade negra amplificando as vozes silenciadas.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa, história de vida, professoras negra, educação

Introdução

O uso da pesquisa qualitativa em investigações do campo das ciências sociais e humanas é cada vez mais recorrente na atualidade. Todavia, há críticas a boa parte desses estudos por não aprofundarem aspectos que os qualificam como estudos qualitativos. De forma que, a preocupação com a consistência dessas pesquisas e sua rigorosidade metódica vem, cada vez mais, tornando-se exigências no trato dessa abordagem da realidade.

No campo da educação a discussão sobre os cuidados necessários para garantir a qualidade teórica da produção na área, incluem os aspectos conceituais e metodológicos, embora estes últimos nem sempre sejam considerados com a mesma relevância. Mas, percebe-se que os esforços tem avançado, assim como as exigências

de critérios que fazem com que a opção metodológica de uma pesquisa científica, seja considerada parte do processo de elaboração do pesquisador/a na interação com seu objeto de investigação e suas fontes de dados (SOUZA Jr. et al, 2010). Esta construção metodológica possui implicações teóricas e epistemológicas, que segundo Gamboa (2007) diz respeito as formas de abordar o objeto, os objetivos que elegemos em relação a este objeto, as maneiras de conceber o sujeito ou sujeitos da pesquisa, aos interesses que comandam o processo cognitivo e as visões de mundo implícitas nesse interesse, as estratégias que escolheremos para alcançar os objetivos e aos tipos de resultados que esperamos. Na verdade, revela a concepção de ciência do/da pesquisador/a.

Assim, podemos considerar que não escolhemos uma metodologia, mas assumimos uma abordagem metodológica a partir do que nos pede o objeto de investigação e a forma como nos relacionamos com ele.

É nessa linha de compreensão que o objetivo deste trabalho consiste em apresentar o método história de vida, como possibilidade metodológica de dar voz a pessoas e grupos sociais invisibilizados, a exemplo da população negra no Brasil. Nesse sentido, nos propomos a socializar as rotas, roteiros e percursos trilhados numa pesquisa que buscou analisar o processo de construção da identidade étnico-racial de professoras negras e as implicações desse processo em suas práticas docentes, por meio da (re) construção das histórias vividas por essas professoras.

O trabalho de campo foi efetivado na Rede Municipal de Ensino do Recife, em duas etapas, com a participação de professoras negras (cujo critério responde a uma opção política e metodológica), servidoras efetivas da Rede Municipal de Ensino do Recife, egressas da primeira versão do Curso História e Cultura Afro-Brasileira, que aconteceu de outubro a dezembro de 2005. Na primeira etapa, aplicamos um questionário de identificação a 23 professoras, com o objetivo de promover uma primeira aproximação com o mundo e o pensamento dessas mulheres. Na segunda etapa da pesquisa, o objetivo consistiu em aprofundar nosso conhecimento sobre a relação entre a história de vida e a prática curricular das professoras. Tomamos o exercício da docência como critério para selecionar as 10 profissionais¹ narradoras com as quais realizamos uma entrevista semiestruturada.

¹ No grupo das 23 professoras, 20 responderam o questionário de identificação. Dessas, 11 estavam exercendo a docência naquele momento e 10 aceitaram conceder a entrevista.

A classificação étnico-racial foi realizada de acordo com a auto-declaração das professoras, partindo da categorização utilizada pelo IBGE: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. Consideramos como negras as professoras que se auto-declararam preta e parda na ficha de inscrição do curso já citado.

A opção para a organização e o tratamento dos dados, recaiu na técnica de análise de conteúdo na perspectiva de Laurence Bardin(1977), utilizando-nos da análise temática visto que tal procedimento adequava-se às necessidades da pesquisa, uma vez que possibilitou a apreensão/compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências. Nesse processo procuramos identificar o conteúdo manifesto nas narrativas sem, contudo, desconsiderar seu conteúdo latente e por meio da leitura exploratória identificamos os núcleos de sentidos das narrativas. Agregamos os sentidos, codificamos e realizamos a leitura analítica sempre em articulação com o contexto sócio, histórico e cultural. Para a apresentação dos resultados, cada uma das profissionais entrevistadas foi identificada com nomes de mulheres negras que são referências no Movimento Social Negro da Cidade do Recife.

O presente artigo está organizado em três partes: num primeiro momento procuramos situar a pesquisa qualitativa no campo da metodologia da pesquisa social, focando a educação. Em seguida discutimos as características básicas da história de vida, como abordagem metodológica (auto) biográfica (Nóvoa, 2007). E por fim apresentamos o trato que demos ao método na investigação.

1.O Pensamento Qualitativo: abrangência e especificidades

A despeito dos variados e polêmicos debates que envolvem o campo das especificidades da metodologia da pesquisa social, que como assinala Cecília Minayo (2004) tem sido perenes e inconclusivos, o fato de que o objeto de estudo das Ciências Sociais é *histórico*², apresenta-se como uma das certezas desse campo. Para Minayo, isso

significa que as sociedades humanas existem num determinado espaço, num determinado tempo, que os grupos sociais que a constituem são mutáveis e que tudo, instituições, leis, visões de mundo são provisórios, passageiros, estão em constante dinamismo e

² Grifo da autora.

potencialmente tudo está para ser transformado (MINAYO,1994 p. 20).

De acordo com Minayo qualificar uma investigação social, ou levar em conta o aspecto qualitativo de seu objeto de investigação, consiste em considerar o sujeito desse estudo como “*gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados*”(p. 22). E como implica também, em contemplar a complexidade, a contraditoriedade, o inacabamento e a permanente transformação da sociedade, acrescentamos ainda, que essa gente tomada como sujeito, tem raça/cor, étnia, sexo, geração, orientação sexual e outras tantas subjetividades a serem apreciadas como objeto de consideração.

A crítica qualitativa ao quantitativo ainda contemporânea fundamenta-se, em boa medida, na suposta objetividade e neutralidade do método apregoada pelo positivismo. Pensamento para o qual a pesquisa social realizada por instrumentos padronizados, que apresentasse uma linguagem observacional neutra, poderia fornecer generalizações e regularidades sobre a sociedade. A realidade social é restringida apenas ao que pode ser observado e quantificado ((MINAYO,1994). Como afirma Gamboa (2007, p. 43) “a pesquisa qualitativa está mais preocupada com a compreensão ou interpretação do fenômeno social (...). Seu propósito fundamental é a compreensão, explanação e especificação do fenômeno”.

No pensamento qualitativo, que se inicia com a fenomenologia, não há lugar para uma visão única de Ciência. A racionalidade fenomenológica fundamenta-se na experiência. Centra-se num sujeito pensante, para colocar a percepção desse sujeito em foco, a partir da experiência concreta e específica vivenciada. E como as realidades sociais são diversas, complexas e dinâmicas, nessa abordagem sujeito e objeto se relacionam. A interpretação ou compreensão dos pesquisadores é realizada a partir de contextos singulares nos quais os sujeitos e objetos estão imersos.

Na área da educação, estudos revelam que as investigações realizadas atualmente tem assumido predominantemente a abordagem qualitativa³, embora considerem alguns autores⁴ que as duas abordagens não se contrapõem ou se excluem, podendo inclusive se complementar. Lembra Bernadete Gatti, que “há problemas educacionais que para sua contextualização e compreensão necessitam ser qualificados

³ Gatti, 2004; Batista Neto, 2007.

⁴ Gatti, 2004; Minayo, 2004.

através de dados quantitativos”. Afirmção que nos remete ao pensamento de Minayo (2004) quando defende que qualitativo e quantitativo são dimensões que podem se complementar, coexistindo em uma mesma pesquisa.

Todavia, Gatti chama a tenção para o papel do pesquisador/a em ambas as abordagens ao afirmar que “ em si, tabelas, indicadores, testes de significância, etc., nada dizem. O significado dos resultados é dado pelo pesquisador em função de seu estofo teórico”. Por outro lado, “as boas análises dependem de boas perguntas que o pesquisador venha a fazer, ou seja, da qualidade teórica e da perspectiva epistêmica na abordagem do problema, as quais guiam as análises e as interpretações” (GATTI, 2004 p. 13).

Para além do debate quantitativo-qualitativo podemos afirmar que:

a pesquisa qualitativa é em si mesma um campo de investigação. Ela atravessa disciplinas, campos e temas. Em torno do termo *pesquisa qualitativa*, encontra-se uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições. Entre eles, estão as tradições associadas ao fundacionalismo, ao positivismo, ao pós-fundacionalismo, ao pós-positivismo, ao pós-estruturalismo e às diversas perspectivas e/ou métodos de pesquisa qualitativa relacionados aos estudos culturais e interpretativos.” (DENZIN E LINCOLN, 2006 pg. 16)

É a esta amplitude que Chizzotti (2003) se refere quando afirma que a pesquisa qualitativa assume tradições ou multiparadigmas de análise e adota multimétodos de investigação “para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre” (p. 221). Segundo o autor a preocupação central da abordagem é tentar, por meio de uma partilha densa com pessoas, fatos e locais, encontrar o sentido dos fenômenos e interpretar os significados que as pessoas dão a ele. Dada a diversidade de possibilidades de se chegar a este fim, as investigações qualitativas

podem ser designada pelas teorias que as fundamentam: fenomenológica, crítica, construtivista, etnometodológica, interpretacionista, feminista, pós-modernista; podem, também, ser designadas pelo tipo de pesquisa: pesquisa etnográfica, participante, pesquisa ação, história de vida etc. (CHIZZOTTI, 2003 p. 223)

Conforme Chizzotti (2003), o que caracteriza o conjunto de estudos que se afirmam qualitativos como a conformação de uma combinação de tendências que se aglutinam sob o termo pesquisa qualitativa. Tendências de teorias, práticas e estratégias

de pesquisa tão variadas que põem em evidência a superação de uma visão única de Ciência.

Diante desse leque de possibilidades, a história de vida é um dos tipos de pesquisa qualitativa que passa a ser utilizado a partir do surgimento de novos temas e problemas advindos das questões de classe, de raça e etnia, de gênero, de religiões e culturas, entre outras.

2.História de Vida: características e usos

No campo da educação, como afirma Batista Neto (2007), a eleição da abordagem qualitativa como opção preferencial da pesquisa educacional ao longo do último meio século, tem favorecido “a adoção de perspectivas, métodos e técnicas de pesquisa ajustados à construção compreensiva de conhecimentos de questões educacionais, onde se destaca a abordagem biográfica” (p. 01). Neste mesmo sentido, Maria Amélia Franco (2008, p. 01) afirma que a metodologia da história de vida integra o conjunto das novas possibilidades científicas que são pautadas pela abordagem qualitativa e que “desvelam uma nova realidade, criam novos instrumentos de leitura dessa realidade e permitem formas diferentes de adentrar, perceber e significar essa realidade”. Segundo a autora, ao optar pela história de vida, o pesquisador/a precisa

ter a sensibilidade para identificar o universal na singularidade do particular, sem jamais estabelecer generalizações, precisa enfim evidenciar sempre o caráter relacional do sujeito, produto da história e agente de historicidade. O pesquisador precisa descobrir o sujeito em processo, no momento de suas escolhas, nas maneiras em que interpreta sua realidade, nas formas que escolheu para construir, reconstruir sua existência (MARIA AMÉLIA FRANCO, 2008, p. 07).

Assim, o trabalho com histórias de vida exige que se coloque os participantes da pesquisa no centro do desenho metodológico da investigação. Possibilita que os narradores/as assumam o papel de protagonistas das histórias que contam. Ressalta Conceição Moita (2007, p. 116) que

só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com seus contextos.

Portanto, a história de vida é uma narrativa produzida pelo sujeito que a vivencia, na qual vários fatores, como as relações familiares, o desenvolvimento pessoal, o meio social e cultural no qual o indivíduo se insere, o cotidiano pessoal e profissional, vão se dando a conhecer (ANA ANTÓNIO, 2004, p. 100). Não registra somente informações objetivas sobre os acontecimentos vividos, mas também o significado que os atores a eles atribuem (BATISTA NETO, 2007, p. 02). Nessa perspectiva, o trabalho do pesquisador/a concentra-se entre o relato e a história, entendida como uma ação intencional guiada pelos objetivos da pesquisa. Procura dar conta do sentido da experiência relatada, conjugando subjetividade e objetividade. Nesse contexto, a pesquisa circunscreve-se numa perspectiva de apreensão e compreensão, pois embora a vida não possa ser apreendida, os elementos objetivos da realidade vivida serão apreendidos pela compreensão da vida.

O relato de vida como uma técnica de coleta de informações a serem trabalhadas pelo pesquisador é, pois, a produção de um discurso. Um discurso sobre o passado, no qual o presente se superpõe, uma vez que as narrativas não expressam o acontecido tal qual aconteceu, mas reconstruído no tempo presente (BATISTA NETO, 2007, p. 11). Decorre dessa realidade o papel que a situação de entrevista desempenha no ciclo da pesquisa, tendo em vista a importância da relação que se estabelece entre entrevistado e entrevistador. O ambiente produzido para a recolha do relato necessita de acolhimento e confiabilidade.

Diante dos discursos produzidos, a realização das análises pelo pesquisador/a demanda múltiplos olhares. Como afirma Maria Amélia Franco (2008, p. 06), “precisa o pesquisador adentrar na trama da história, e de dentro, lançar um olhar compreensivo em seus fios entrelaçados que compõem a fusão de objetividades, subjetividades e intersubjetividades”.

Para Paulilo (1999, p. 141) “deve-se estar ciente dos avanços e recuos, da cronologia própria, e da fantasia e idealização que costumam permear narrativas quando elas envolvem lembranças, memórias e recordações”. Todavia, no trabalho com histórias de vida, o importante é o ponto de vista de quem está narrando. A história é contada por quem a vivenciou. O/A pesquisador/a dispõe-se a ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo e busca registrar e retratar a sua visão em consonância com seus contextos.

Nesse processo, a recolha de informação ganha grande destaque, porque, de acordo com Ana S3f3ia Ant3nio (2004, p. 98), “humaniza a pr3pria investiga33o”. O/A entrevistado/a n3o oferece apenas informa333es: partilha sua vida com um desconhecido. Assim, o momento da coleta do relato necessita de um clima de confiabilidade e envolvimento, porque a rela333o estabelecida entre entrevistado/a e entrevistador/a “parece ter mais import3ncia que a situa333o do indiv3duo com a mem3ria em situa333o de relato de vida” (BATISTA NETO, 2007, p. 11). A intera333o com o entrevistador/a e o local escolhido para a recolha do relato de vida s3o, portanto, elementos que comp3em a situa333o de entrevista.

Ant3nio N3voa (2007), chama a aten333o que embora a multiplicidade de perspectivas e de estrat3gias que se designam como “hist3ria de vida” seja uma das principais qualidades dessa abordagem, tamb3m se caracteriza como fundamento de suas cr3ticas. Segundo o autor, “esta mesma diversidade est3 na origem de grandes dificuldades e equ3vocos, legitimando por vezes pr3ticas pouco consistentes e metodologias sem qualquer rigor” (2007, p. 23). Assim, merece a aten333o do pesquisador/a as precau333es 3ticas, conceituais, metodol3gicas que demandam o trabalho com a hist3ria de vida.

A despeito dos riscos e das necess3rias precau333es, a hist3ria de vida apresentou-se para a pesquisa sobre o processo de constru333o identit3ria das professoras negras como aquela abordagem que mais correspondia ao objeto, aos pressupostos e aos objetivos investigativos, por sua qualidade heur3stica, por seu aspecto formativo e pela perspectiva de mudan3a que representa.

3.Hist3rias de vida: experi3ncias e sentidos revelando identidades e pr3ticas

O quadro te3rico-metodol3gico no qual nos referendamos para a realiza333o do trabalho com hist3rias de vida inscreve-se na perspectiva de dar voz aos sujeitos, como protagonistas de suas hist3rias, buscando compreend3-los como profissionais e como pessoas. A import3ncia de dar voz aos sujeitos em nosso percurso metodol3gico, articulava-se ao nosso interesse em compreender como se d3 os seus processos de constru333o da identidade 3tnico-racial, num contexto no qual o silenciamento sobre as rela3333es 3tnico-raciais ainda 3 premente. Na verdade, desej3vamos conhecer “os mundos vividos” (ANT3NIO, 2004 P. 99) pelas professoras negras e perceber a

articulação entre as ações por elas exercidas no espaço escolar e suas vidas, pois ouvir a voz das professoras e professores ensina-nos que a vida desses profissionais é de grande interesse quando eles falam de seu trabalho (GOODSON, 2007).

Como demanda o método, as situações de entrevista foram produzidas, preparadas pela pesquisadora, uma vez que como afirma Batista Neto (2007, p. 11) “contar a vida a um desconhecido é produzir um discurso de circunstâncias”. Assim, era necessário criar um clima de confiança e respeito.

Nos prepararmos para as entrevistas, estudamos os questionários de identificação e solicitamos que as professoras escolhessem um local onde pudessem nos receber e ficar à vontade para a conversa. Nossa preocupação foi possibilitar-lhes alguma participação no processo de preparação da situação de entrevista que as deixasse confortáveis e confiantes na pesquisadora. Antes de cada relato, retomávamos nossos objetivos de pesquisa e as temáticas sobre as quais seguiriam a conversa.

O roteiro das entrevistas orientou-se pelas seguintes questões: como ocorre o processo de construção da identidade étnico-racial de professoras negras? Quais os saberes que são mobilizados por estas professoras no processo de construção de sua identidade étnico-racial? A percepção de seu pertencimento étnico-racial exerce alguma influência nas práticas curriculares que elas desenvolvem em sala de aula? O que são práticas curriculares de enfrentamento do racismo no espaço escolar?

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora e transcorreram em clima de muita tranquilidade e boa participação. As professoras foram visitadas em suas escolas, em suas residências ou em algum outro local indicado pela participante. Algumas se mostraram mais à vontade para falar sobre o tema e outras iniciavam as entrevistas com certa insegurança, mas à medida que as perguntas foram sendo formuladas elas aprofundavam as respostas e revelavam suas histórias de vida. Para algumas delas este foi um momento de intensa reflexão consigo e sobre si mesma, mediado pela nossa presença.

Em alguns casos, as respostas são bem estruturadas e consistentes. De forma sintética e objetiva, as professoras não se limitam a responder apenas o que lhes foi perguntado, mas oferecem outros elementos que podem contribuir na reconstrução de suas histórias. Em outros, algumas respostas são prolixas e não apresentam muita consistência, denunciando uma tentativa de aproximação da professora com o tratamento pedagógico da questão, mas ainda sem muito suporte teórico e experiencial.

Algumas das professoras pareciam estar muito felizes por poder participar da pesquisa e por poder discutir essa questão. Ao que parece, um mundo novo estava sendo descortinado por elas. Por esse motivo pareciam estar muito à vontade para relatar suas histórias e seus percursos, entrando inclusive em detalhes bem íntimos da sua vida, como notamos no relato da professora Cristina vital sobre seu processo de afirmação como mulher e como pessoa:

Meu primeiro marido, ele era branco. Branco, branco, da mãe branca... E assim, ele me chamava de neguinha. No momento eu achava até que era carinhoso mas depois eu comecei a notar, diferente... A própria família, quando falavam de mim, quem é ela? É aquela moreninha. (...) Mas como eu era casada com o filho, achava que não tinha nada a ver. Ele achava que eu só tinha que servir [sexualmente] e nada mais. Eu passei muito tempo sem saber o que era um orgasmo. Uma das coisas que me ajudou a chegar a esse momento que eu digo que é o topo de tudo... foi me achar como pessoa. (...) Hoje realmente eu sou uma pessoa completa.

Segundo a professora, foram as aprendizagens construídas na formação temática específica sobre história e cultura afro-brasileira que a ajudaram a se encontrar como pessoa. Nesta mesma perspectiva, outras professoras falavam bastante e sem reservas demonstrando confiança na pesquisadora. É a partir de suas narrativas que procuramos entender a relação que se estabelece entre o processo de construção de suas identidades e as práticas curriculares por elas desenvolvidas. São elas as personagens narradoras de suas histórias e de suas práticas.

Ao tomarmos por referência as experiências e os relatos das professoras que participaram da pesquisa, é possível afirmar que o processo de construção identitária de professoras negras acontece por meio de diferentes momentos e situações de interação social, nos quais ocorrem a percepção do pertencimento étnico-racial. O reconhecimento do pertencimento vai sendo gerado e se estabelecendo de forma lenta, processual e gradativa, e tem na auto-afirmação como pessoa negra o seu instante crucial: a ocasião em que as professoras decidem se tornarem negras.

No caso das professoras que participaram desta pesquisa, a percepção do pertencimento étnico-racial foi possibilitada por vivências, que aconteceram em momentos e situações diversas, expressando efeitos com limites e possibilidades na constituição identitária: a convivência com pessoas brancas e as visitas a espaços “de brancos”; o discurso público sobre relações e desigualdades étnico-raciais; o discurso familiar sobre o pertencimento; o estudo da história e da cultura afro-brasileira e a

vivência de situações de discriminação no ambiente escolar durante a infância, situação que passamos a analisar a partir de agora, com maior profundidade.

A vivência de situações de discriminação durante a infância é atribuída às características fenotípicas: cabelo e cor da pele. E, de modo geral, ganham relevância uma vez que advêm todas do espaço escolar. Nesse espaço são vivenciadas em meio ao silenciamento cúmplice dos docentes, que não sabem como trabalhar a questão, como já indicou Delma Silva (2000) e Eliane Cavalleiro (2000). Algumas professoras entrevistadas, sem possuir outras referências sobre seu pertencimento, descobrem-se negras nessas situações pelo olhar dos colegas: “eu sabia que eu era negra, porque alguns coleguinhas diziam: negra safada” (Profª Mônica Oliveira). Outras, mesmo possuindo a referência familiar, apontam o papel das “brincadeiras” vivenciadas: “sempre tem aquelas brincadeiras das crianças: nega feia, nega preta, nega do cabelo duro” (Profª Inaldete Pinheiro).

As brincadeiras descritas pela professora são na verdade agressões étnico-raciais, que destacam suas características físicas no intuito de lhe apontar sua suposta inferioridade, de lhe humilhar psicologicamente.

Existem ainda aquelas professoras que vão acumulando as situações de discriminação até conseguir decifrar o que os colegas estão lhe dizendo por meio delas. Assim, aconteceu com a professora Alzenide Simões, vejamos seu depoimento:

Eu tinha o cabelo enorme com tranças... E os meus coleguinhas de escola viviam me ‘*pentelhando*’ por conta disso. Faziam pom! Pom!... Imitavam buzina com meus cabelos, diziam que eu tinha chifrinho... Então eu sofri muito... nessa época eu não me percebia como negra. Mas me percebi como diferente... porque os meninos só ‘*chacoalhavam*’ comigo. As outras meninas tinham ‘*rabo de cavalo*’, as outras meninas tinham tranças, mas eles não perturbavam. Era só comigo, com o meu ‘*pitó*’, com o meu ‘*rabinho de cavalo*’.

A professora Alzenide Simões sabia que se diferenciava das outras meninas porque os colegas não perturbavam com as outras, apenas com ela. Todavia, não sabia em que consistia a diferença. Ser diferente neste contexto traduz o sentido de ser marginalizada e excluída. Não ser querida pelos colegas. O que diferenciava a professora das outras meninas não era exatamente os caracteres cabelo crespo e pele negra, mas o significado dessas características. Era o que permitia que os coleguinhas zombassem dela e não das outras meninas: o conjunto de aspectos depreciativos ligados

ao negro, aos seus valores, às suas crenças, à sua relação com o trabalho, entre outras coisas.

Em decorrência das discriminações que as professoras entrevistadas vivenciaram no espaço escolar são comuns em seus relatos as histórias de seus alunos negros que continuam desejando serem brancos para livrarem-se do preconceito ao qual estão expostos na escola, como mostra a professora Piedade Marques: “um caso que me chamou muito a atenção, foi de uma criança de oito anos que queria tomar banho de água sanitária pra tirar a cor”. Segue-se a professora Alzenide, que destaca a experiência com João⁵, menino negro, estava retido há três anos no terceiro ano do primeiro ciclo, porque não sabia ler. Relata a professora:

Ele batia nos outros porque era maltratado... Ele era chamado de brinquedo do cão, de boneco de macumba, de suco de pneu, todas essas coisas pejorativas, que a gente sabe que existem. [um dia] Ele fez o desenho dele [próprio] e pintou de cor de pele⁶, não colocou os cabelos cacheadinhos. Depois eu descobri que ele disse: eu não gosto de ser assim. Todo mundo me maltrata porque eu sou preto e eu não queria ser preto, eu queria ser branco, eu queria ter o cabelo bom.

Esses depoimentos mostram a presença e a perversidade do racismo que continua vivo e latente no ambiente escolar, violentando as crianças negras cotidianamente. Em muitos casos, as professoras não sabem como agir nesses momentos de conflito, como nos conta a Professora Cristina Vital:

Nesse ano que teve o curso surgiu essa situação com um menino e eu não soube o que dizer. Aí usei minha voz: “vamos fazer silêncio, vamos fazer silêncio”. E virei pro quadro e comecei a escrever. Cheguei em casa tão mal, eu disse: meu Deus, eu poderia ter feito alguma coisa, mas o quê? O quê eu ia fazer se eu não sabia como me sair numa situação dessas?

Nesse contexto, a formação temática específica em história e cultura afro-brasileira aparece como elemento essencial para possibilitar a segurança necessária ao desenvolvimento da prática docente.

Foi Fundamental. Você sente segurança para lidar com os conflitos em sala de aula. Você tem a possibilidade de [chegar] para a sua aluna

⁵ João é um nome fictício atribuído ao aluno.

⁶ Cor de pele é uma denominação utilizada para definir um lápis de cor, que possui uma tonalidade próxima à tonalidade da pele branca.

que se sente feia, que não se acha negra, que tem a estima baixa... E dizer pra ela que ela é bonita, que ela pertence a uma raça forte, que o fato de ter sido escravo não condiciona a pessoa a ser burro e que ela tem todas as possibilidades de mudar a vida dela (Prof^ª Martha Rosa).

Esse fragmento do depoimento da professora Martha Rosa exprime vários dos estereótipos com os quais a população negra defronta-se todos os dias e que necessitam ser trabalhados no ambiente escolar: que os negros são feios, que os negros são burros, que os negros são inferiores porque são descendentes de escravos. Como as professoras negras poderão desconstruir esses estereótipos se elas próprias estiverem engolfadas por eles? Nesse processo, a formação temática atua como mecanismo de desconstrução e reconstrução da imagem social da população negra, subsidiando a compreensão e a atuação da professora.

As situações de entrevista constituíram-se em momento singular e de grande importância para a pesquisadora. Ouvir as professoras, suas histórias, sonhos, conquistas, frustrações, sentimentos etc. revelava-nos a cada encontro uma nova descoberta acerca de seus processos de constituição identitária, que de alguma forma também é nosso. A fala de uma professora ao explicar seu processo de afirmação da identidade tornou-se marcante: “aprendi a me colocar. Eu sou negra, e daí? Eu sou negra por causa disso, disso e disso. Não só porque nasci negra, mas sou negra... Hoje em dia, se eu tivesse uma outra cor, eu seria negra de todo o jeito”. O depoimento tornou-se marcante, porque reafirma nossa compreensão de que ser negro não é algo que encarna apenas a dor. Também encarna orgulho e satisfação, porque é apropriação da história e reconstrução da existência. Por isso é processo de recomposição, desconstrução, reconstrução e construção. Objetividade e subjetividade.

Consideração Finais

O Brasil é o segundo país no mundo em população negra, ficando atrás apenas da Nigéria, no continente africano. Contudo, a despeito de a população negra constituir a maioria da população brasileira, o desejo de branqueamento do Brasil invisibiliza essa população em diversos campos da sociedade, inclusive na área da educação.

No campo da pesquisa científica, de forma sistemática, é somente apartir dos últimos 30 anos, que a população negra começa a passar de objeto a sujeitos de investigação. Todavia, existe uma vasta produção cultural e intelectual da autoria dos mais variados grupos sociais de maioria negra que foi desconsiderada ao longo da história do Brasil.

Investigações que se aproximem dessas pessoas, grupos, fatos e territórios para avançar na produção do conhecimento crítico certamente contribuirão para a superação do olhar esteriótipado e preconceituoso com o qual a sociedade brasileira ainda enxerga a população negra e suas práticas de sociabilidade.

A abordagem qualitativa e a história de vida são possibilidades metodológicas que tem se mostrado oportunas e adequadas para o trato de objetos de estudo relacionados a questão da identidade negra, as formas de organização e luta da população negra, a educação e escolarização de pessoas negras e a outros aspectos singulares da vida e da cultura do povo negro no Brasil, uma vez que amplifica as vozes desses sujeitos, outrora silenciados.

A utilização das histórias de vida nos possibilitou ingressar no universo pessoal das professoras, que, como assinala Maria Amélia Franco⁷, é impregnado de social. Em acordo com essa autora (p. 7), nos aproximamos dessas mulheres buscando descobri-las em processo “no momento de suas escolhas, nas maneiras em que interpreta sua realidade, nas formas que escolheu para construir, reconstruir sua existência”.

Um aspecto que ainda necessita ser melhor aprofundado diz respeito as teorias e a perspectiva epistêmica da abordagem do problema, que orientam as análises e as interpretações. Cunha Jr. (2006) afirma que os pesquisadores/as negros/as interessados em temas específicos da população negra podem ser agrupados em três tendências conceituais. Aqueles/as que se abrigaram nos conceitos Werberiano e americanos de raça e raça social; Aqueles/as que seguiram a tendência nacional de uma tentativa de composição entre raça social e classe social; e aqueles/as que estavam procurando a produção de um conhecimento de ruptura com a hegêmonia do pensamento eurocêntrico.

Para esta última tendência a perspectiva epistêmica dos estudos pós-coloniais latino-americanos nos parece uma possibilidade de fundamentação destas pesquisas,

⁷ FRANCO, Maria Amélia Santoro. **História de Vida**: uma abordagem emancipatória aliando pesquisa e formação de professor reflexivo. Disponível em http://www.educacaoonline.pro.br/art_historia_de_vida.asp. Acesso em 02 de junho de 2008.

uma vez que o pensamento decolonial deseja fundar um pensamento “outro” (WALSH, 2008) que afirme a necessidade de mudar não só as relações, mas também as estruturas, condições e dispositivos de poder que mantêm a desigualdade, inferiorização, racialização e discriminação, inclusive no âmbito educacional.

Referências

ANTÓNIO, Ana Sofia. Histórias de Vida: auto-representação e construção das identidades docentes. In: TEODORO, António (Org.). **Histórias (re) construídas: leituras e interpretações de processos educacionais**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção questões da nossa época; v. 114).

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2003.

BATISTA NETO, José. **Algumas Considerações Teóricas e Metodológicas sobre a Abordagem Biográfica, Instrumento da Pesquisa Educacional e da Formação: contribuições da Escola de Chicago e do Interacionismo Simbólico**. Trabalho apresentado no GT 08 do 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, Maceió, 2007.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação. Vol. 16. Nº 002. Pg. 221-236. Universidade do Minho: Braga, Portugal, 2003.

CUNHA Jr, Henrique. **Metodologia Afrodescendente de Pesquisa**. Texto de Trabalho na disciplina de Educação Gênero e Etnia na perspectiva dos Afrodescendentes., 2006. Disponível em: http://afrobrasileira.multiply.com/journal/item/52?&show_intersticia=1&u=%2Fjournal%2Fitem. Acesso em 05 de abril de 2011.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **História de Vida: uma abordagem emancipatória Aliando pesquisa e formação de professor reflexivo**. Disponível em

http://www.educacaoonline.pro.br/art_historia_de_vida.asp. Acesso em 02 de junho de 2008.

GAMBOA, Silvio Sanchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argus, 2007.

GATTI, Bernardete. **Estudos quantitativos em educação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004

GOODSON, Ivor F. Dar Voz ao Professor: as histórias de Vida dos Professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vida de Professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.

NÓVOA, António (Org.). **Vida de Professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007.

PAULILO, Maria Angela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Revista de Serviço Social. Londrina, V. 2, N. 2, p.135-148, julho/dezembro de 1999.

SILVA, Delma Josefa. **Afrodescendência e educação: a concepção identitária do alunado**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

SOUZA Jr, Marcílio B.M. de; MELO, Marcelo Soares Tavares de; SANTIAGO, Maria Eliete. **A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar**. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 31-49, julho/setembro de 2010.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Plurinacionalidade y Decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado**. Revista Tabula Rasa, Bogotá – Colombia, nº 9, p. 131-152, julio-diciembre 2008.